

**MISSÃO COMO ÊXODO PASCAL:
Da missão *Ad gentes* à missão *inter-gentes*;
do diálogo inter-religioso ao diálogo inter-espiritual**

Joachim Andrade

Resumo:

A situação do mundo de hoje é sob diversos aspectos de desajuste (econômico, climático, político). É neste mundo que se desenvolve a atividade missionária. O autor tem em mente especialmente o aspecto do diálogo entre as pessoas e povos, afinal, a missão está relacionada às dimensões mais profundas da vida humana (sentido da vida, Deus, dimensões éticas, etc.). Por isso, ele sugere que além da missão *Ad Gentes* (mandato de Cristo mesmo) o missionário esteja aberto para a missão *inter-gentes* numa atitude dialogal de respeito e de acolhida (respeito pelas religiões e culturas dos demais). Como uma colaboração para esta tarefa, ele apresenta numa visão sintética os modelos de relações *missionárias*, algumas *pontes* relacionais, e alguns aspectos práticos para a missão: tirar os sapatos e ser um bom hóspede.

Palavras-chaves: Missão: diálogo; Missão Inter-gentes; Missão: atitude dialogal

Abstract:

The world situation today is under various aspects of maladjustment (economic, political, climate). It is in this world that one develops his missionary activity. The author has in mind especially the aspect of the dialogue between persons and peoples, after all, mission is related to some of the deepest dimensions of human life (meaning of life, God, ethical dimensions, and so on). Therefore, he suggests that in addition to the Mission *Ad Gentes* (Christ commandment) the missionary should be open to the mission *inter-gentes* in a dialogical attitude of respect and acceptance (respect for the religions and different cultures). As a practical collaboration for this task, he presents in a synthetic vision missionary relations models, some relational *bridges*, and some practical aspects of the mission: take your shoes off you and be a good guest.

Key words: Mission: Dialogue; Mission Intergentes; Mission: dialogical attitude.

INTRODUÇÃO

A missionologia, em seu conceito etimológico, pode descrever o *estudo da missão*, atividade tão antiga como Bíblia, mas reconhecida como disciplina acadêmica somente há 150 anos. Desde então a atividade missionária passou por diversas compreensões: atividade para

acolher as ovelhas perdidas do caminho correto; apresentar verdadeira luz da revelação, que é Jesus, para as outras culturas e religiões; converter as pessoas para a tradição cristã, etc. Somente depois do Concílio Vaticano II, a atividade missionária foi contemplada como uma atividade de variadas formas de relações. Portanto, a Missão é uma relação entre naturezas diferentes. Relação de Deus entre si, chamada de relação trinitária; relação de Deus para com a humanidade; relação da Igreja para com as outras tradições; e a relação entre os membros da mesma Igreja.

O mundo contemporâneo é nômade, portanto facilmente escapa de qualquer análise real e atual. Neste mundo há velocidade, diversidade nascimento de novas ideias, vivência harmônica dos povos diferentes no mesmo espaço, podemos dizer somos a primeira geração de experimentar essa diversidade. Portanto, falar da missão *Ad gentes*, da inter-*gentes* e do diálogo inter-religioso não é uma tarefa fácil. O contexto atual da Igreja exige a compreender essas três atividades e tentar estabelecer uma ponte entre a Igreja e mundo contemporâneo. A missão *Ad gentes* aponta para uma atividade de levar a boa nova aos territórios geográficos distantes onde Jesus é desconhecido. Apresenta também a dimensão da superioridade do conteúdo. Enquanto a missão inter-*gentes* mostra a dimensão da troca e da patilha onde outro é valorizado como também sua cultura e religião. Nesse caso desaparece a ideia da superioridade do conteúdo de uma única religião mas todas seriam as iguais e podem levar os seus adeptos à salvação. O diálogo inter-religioso aponta a reconhecer o *outro* outro verdadeiro com que posso conviver sem medo e preconceitos.

Portanto, o procedimento da minha abordagem será feita em seguinte forma. Em primeiro momento pretendemos apresentar a compreensão do conceito *Ad gentes* e de que forma esse conceito passou pelas modificações ao longo dos séculos. Em segundo momento pretendemos esclarecer o conceito da missão inter-*gentes*. Por fim, tentaremos apresentar algumas pistas concretas que poderão ajudar para realizar a missão no contexto atual do mundo contemporâneo.

MUNDO EM DESAJUSTE

Entramos no novo século sem bússola. Os primeiros anos do Século XXI o mundo tem apresentado vários sinais de desajuste, e nós percebemos isso em diversas áreas ao mesmo tempo: desajuste intelectual, desajuste financeiro, desajuste climático, desajuste geopolítico, desajuste étnico, desajuste familiar e desajuste religioso. Como aponta Amin Maalouf: *Desajuste intelectual caracterizado por uma torrente de afirmações identitárias que torna difícil qualquer coexistência harmoniosa e qualquer combate verdadeiro. Desajuste econômico e financeiro que leva todo o planeta a uma zona de turbulência de consequências imprevisíveis e é sintoma de uma perturbação de nosso sistema de valores. Desajuste climático, resultante de uma longa prática*

*da irresponsabilidade. Desajuste geopolítico devido a concentração do poder em algumas mãos que determinam como deveria ser o mundo.*¹

Percebemos que as causas de desajuste do mundo devem-se mais ao esgotamento simultâneo de todas as nossas civilizações – sobretudo dos quatro universos culturais a que ele pertence, isto é o Ocidente, o Oriente, o mundo árabe e o mundo africano; podemos articular tudo isto como uma *guerra das civilizações*. O Ocidente não se mantém fiel a seus próprios valores e o oriente vive no mundo ilusório atribuindo tudo ao campo religioso; o mundo árabe se isola num impasse histórico e a África vive nos conflitos e na eterna pobreza.

Observamos esse desajuste no campo religioso inclusive na Igreja como entre os agentes da missão. A incoerência e incapacidade de adaptar-se aos novos tempos deixou a Igreja incapaz de apresentar uma bússola espiritual e a falta de visão e sonhos deixou os agentes sem rumo e sem ponto de referencia.

COMPREENSÃO DA MISSÃO *AD GENTES*

Hoje, a Igreja do Brasil está vivendo um momento de graça, pois a missão dela é vivida intensamente nas situações missionárias internas e, sempre mais, está se abrindo em sua dimensão universal. A missão é um chamado a responder a muitos desafios, entre os quais o maior é a globalização excludente. A missão é um caminho no despojamento e na pobreza, é itinerância e busca, é proclamação de esperança e denúncia de toda injustiça, é escuta e testemunho e, enfim, é uma radical entrega da própria vida ao projeto de Deus. A missão universal quer abranger todos, sem excluir ninguém, a partir da diversidade das culturas e dos povos.

A universalidade da missão apresentada na expressão *Ad gentes*, em primeiro lugar indica o mandato explícito de Jesus de anunciar a Boa-Nova a toda humanidade, e a vontade de Deus de salvar todos os seres humanos. A compreensão do anúncio possui duas vertentes, sendo que a primeira tem por alvo o povo eleito, aqueles que aderiram à fé na pessoa de Jesus, os cristãos. A segunda vertente direciona-se aos pagãos, principalmente àqueles que não conhecem Jesus. Essa vertente ficou marcada por um trágico senso de superioridade, a negação do outro e a sangrenta expansão colonial. Mas, como observa Raschiatti, a missão aos povos na mudança de época exige, como preconiza o Concílio Vaticano II, a instauração de *uma ordem de relações humanas* que, por sua vez, convoca a Igreja para um *novo Pentecostes e um salto adiante* capaz de recriar uma nova e *simpática relação com a humanidade, a fim de colocá-la em contato com as energias vivificadoras e perenes do Evangelho, sobretudo através do compromisso com a justiça, a paz e a unidade dos cristãos e da família humana universal.*²

A missão sempre é compreendida como a de uma comunidade eclesial em defesa do bem estar da vida de todos os povos. A inspiração para essa missão vem do próprio Deus, envolvendo não somente sua imagem abstrata, mas a de Deus *Emanuel*, que se encarnou e viveu

como nós. A missão é histórica, pois ela possui a herança do passado, a experiência do presente e a visão do futuro. É nesse sentido que se compreende a natureza missionária da Igreja e ela mesma se firma como Igreja de Deus quando coloca como centro de suas preocupações não a si mesma, mas o Reino que ela anuncia como libertação de todos, para que vivam em plena comunhão entre si e com Deus.³

No interior da *natureza missionária* a Igreja não vive para si, pois ela tem a tarefa de *convocar e enviar servos e testemunhas do Reino*. Para isso, a Igreja envia seus servos, que são santos e pecadores, para articular, universalmente, os povos numa grande rede de solidariedade. Desse envio nascem comunidades pascais que tentam contextualizar a utopia do primeiro dia da nova criação. A partir dessas comunidades, como mostra Paulo Suess, nasce o envio, a missão, com seus dois movimentos, a *diástole*, como envio à periferia do mundo, e a *sístole*, que convoca, a partir dessa periferia, para a libertação do centro, o coração da Igreja. Sob a senha do Reino, ela propõe um mundo sem periferia e sem centro.⁴

De início demos peso demais à influência das religiões sobre os povos, e não suficiente à influência dos povos sobre as religiões. A partir do momento em que, no Século IV, o Império Romano se cristianizou, o cristianismo romanizou enormemente. Essa circunstância histórica é o que, de início, explica a emergência de um papado soberano. Numa perspectiva mais ampla, se o cristianismo contribuiu para fazer da Europa o que ela é, a Europa igualmente contribuiu para fazer do cristianismo o que ele é. Os dois pilares da civilização ocidental, que são o Direito Romano e a democracia ateniense, são ambos, anteriores ao cristianismo.⁵

COMPREENSÃO DA MISSÃO INTER-GENTES

A missão inter-gentes apresenta um universo muito complexo e delicado em relação ao trabalho missionário. Podemos dizer que iniciamos um processo se refere a um *atravessando culturas*, e isso implica num movimento mútuo e multi-direcional entre culturas como se reflete no uso do termo *inter-cultural*.

Atribuiu-se a André Malraux uma frase que ele provavelmente nunca pronunciou segundo a qual o Século XXI *será religioso ou não será*, significa que não poderemos nos orientar no labirinto da vida moderna sem alguma bússola espiritual.

O século mal começou, mas já sabemos que as pessoas podem se perder com a religião, como podem se perder sem ela.⁶ O papel da cultura, hoje, é o de fornecer a nossos contemporâneos ferramentas intelectuais e morais que lhes permitam sobreviver – nada menos. Como vamos preencher as dezenas de anos adicionais com que a medicina nos presenteia? Somos uma geração cada vez maior número de pessoas a viverem por mais tempo e melhor; evidentemente ameaçados de tédio, de medo do vazio, e ainda evidentemente, tentados a escapar disso através do frenesi consumista. Se quisermos

aproveitar por bastante tempo, e plenamente, o que a vida nos oferece, somos obrigados a modificar nosso comportamento.

Parece-me chegada a hora de modificar nossos hábitos e nossas prioridades para nos colocarmos mais seriamente à escuta do mundo em que estamos embarcados. Pois, em nosso século, não há mais estrangeiros, há apenas *companheiros de viagem*. Que os nossos contemporâneos morem do outro lado da rua ou do outro lado da Terra, estão dois passos de nós; nossos comportamentos os afetam na própria pele, como os deles a nós.

Os missionários (imigrantes) (papel da diáspora) todos têm fortes laços com dois universos ao mesmo tempo e têm a vocação para o papel de correia da transmissão, de interface, nos dois sentidos. Sendo normal que um imigrante defenda, no país que o recebe, a sensibilidade natural de sua sociedade de origem, seria igualmente normal para ele defender, no país de origem, a sensibilidade adquirida na sociedade que o recebeu.⁶ Esses estão em duas margens ao mesmo tempo.

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

A missão no mundo de hoje basicamente é intercultural seja ela no outro lado da rua ou outro lado do mundo; seja dentro do país ou no estrangeiro. Devemos honestamente reconhecer que muitos de nós encontramos as pessoas outros credos, por exemplo entre os nossos funcionários, colegas do trabalho até entre os nossos familiares. Esses ambiente nos ofereceram excelentes oportunidades para uma convivência inter-religiosa. Esses ambientes realmente são novos areópagos que promovem uma vivência inter-cultural entre os povos.

Desde a entrada para o terceiro milênio todas as grandes correntes religiosas tomaram consciência da necessidade estabelecer as relações mútuas entre si favorecendo para uma convivência harmônica. Atualmente, convivemos com um mundo cada vez mais multifacetado e multipolarizado. O diálogo inter-religioso, portanto, assume o papel de uma possível resposta a essa experiência da diversidade no campo religioso.

A experiência do pluralismo é, também, um apelo à descoberta e afirmação da própria identidade. Paul Knitter: *Diz-se que em nossa época, as pessoas religiosas devem ser religiosas numa forma interreligiosa. Para trilhar seu próprio caminho de fé, precisamos caminhar com pessoas de diferentes caminhos.*⁷ Dez anos antes de Knitter, Bede Griffiths já haviam alertado para essa dimensão plural do caminho religioso: *além de ser cristão, eu preciso ser um hindu, um budista, jainista, zoroastrista, sikh, muçulmano e judeu. Só assim poderei conhecer a Verdade e encontrar o ponto de reconciliação em todas religiões.*⁸ Ou como Raimon Panikkar descreve sua trajetória, após sua formação acadêmica nas universidades indianas e americanas: *Eu ‘parti’ como cristão, ‘encontrei a mim mesmo’ como hindu, e ‘retornei’ como budista, sem nunca ter deixado de ser cristão.*⁹

A consciência da crescente multiplicidade e vitalidade das religiões está induzindo muitos a afirmarem que *não existe apenas um e único caminho*.¹⁰

Quando falamos de diálogo inter-religioso, tendemos geralmente a pensá-lo como um processo entre as várias religiões envolvidas em falar uma linguagem objetiva, e nos esquecemos que, antes de tudo, ele é um intercâmbio entre fiéis. O que torna o diálogo inter-religioso *é que a religião toca as camadas mais profundas das pessoas e grupos sociais, fala a língua do absoluto, suscita uma entrega tão intensa que as pessoas prontificam-se a morrer em defesa de sua fé, e desempenha um papel interativo entre as estruturas sociais*.¹¹

No contexto da pluralidade, diálogo significa: *todas as relações inter-religiosas construtivas e positivas com os indivíduos e comunidades de outros credos que são direcionadas para o entendimento mútuo e enriquecimento em obediência à verdade e respeito a liberdade*.¹² Nessa definição nota-se que o diálogo inter-religioso é uma resposta à pluralidade religiosa.

Michael Fitzgerald aponta que o termo escolhido para definir o diálogo é *relações*. Isso indica algo mais que uma simples troca verbal. Não somente uma troca formal é desejada, mas também os gestos de solidariedade, ação conjunta, e também uma presença silenciosa. No diálogo, a comunicação não-verbal também deve encontrar seu devido lugar. Esse tipo de relação pode acontecer no nível individual ou coletivo, entre os representantes das religiões. Qualquer que seja o tipo de diálogo, ele não acontece entre as estruturas ou sistemas, mas sempre entre as pessoas.

Paulo Suess, tratando sobre as culturas no Texto-Base da Agenda Latino-americana 2002, afirma que: *o lugar do diálogo entre culturas pode ser situado entre duas negações, entre interesses que buscam a hegemonia cultural e entre a indiferença pós-moderna, que abdica da solidariedade e deixa indivíduos e povos à mercê de si mesmo, do mais forte ou da natureza. Onde dominam interesses e indiferença não há diálogo. O diálogo entre culturas é um foro de paz, onde se procura superar a de-solidarização social e o esquecimento histórico. O diálogo representa a possibilidade de transformar a irracionalidade das armas em racionalidade das palavras partilhadas e a irresponsabilidade narcisística em voz atenta ao outro. Entre interesses e indiferença o diálogo é a voz da responsabilidade e da memória. No diálogo, o mais fraco, o ausente e o outro são lembrados e assumidos*.¹³

No passado, as pessoas se reuniam para discutir com aqueles que eram seus *diferentes*; por exemplo, Católicos com os Protestantes; seja para derrotar ou estudar o *oponente*, para que assim poderem conviver ou negociar com ele de modo adequado. Antigamente, os encontros muitas vezes eram confrontos abertos e polêmicos, raramente havia um intercâmbio de modo mais sutil. O motivo principal desses debates era a derrotar do outro, pois cada lado estava convencido de ser o dono de toda a verdade.

O diálogo é uma prática responsável, que procura superar as relações assimétricas e questionar os discursos hegemônicos que

impedem a comunicação. No diálogo, cada participante deve escutar o outro, com uma abertura e simpatia com a qual possa compreender a posição de outro claramente, como se fosse uma escuta para algo do seu próprio interior. No diálogo inter-religioso, não é suficiente que os participantes discutam um tema religioso. Eles devem chegar para o diálogo como pessoas significativamente identificadas com uma religião. Se não pertencço ao judaísmo ou ao islamismo nem ao cristianismo, eu não posso participar como participante do diálogo Judaico-Cristão-Muçulmano, embora faça algumas perguntas para obter a informação e faça alguns comentários necessários.

ESQUEMAS ÚTEIS

No documento *Diálogo e Missão*, um documento do Vaticano, apresenta quatro formas de prática do diálogo.¹⁴

Diálogo de vida, onde as pessoas buscam viver numa forma cordial partilhando suas alegrias e dores, problemas e preocupações. Em primeiro lugar, reconhecer que é difícil iniciar e sustentar o diálogo com as pessoas de outras tradições religiosas e ideologias, e parece mais urgente ainda cultivar na vida pessoal uma atitude de passar do estado de suspeita para a confiança. Somos convidados para serem pessoas que acolhem as formas de diversas de oração e expressão religiosa que promove a colaboração.

Diálogo de ação, as pessoas de todas as religiões participam no desenvolvimento integral e libertação do povo.

Diálogo no nível teológico, onde os especialistas se reúnem para aprofundar a compreensão de sua religião e apreciar a outra.

Diálogo da experiência religiosa, pessoas enraizadas nas suas tradições religiosas, partilham suas riquezas espirituais como contemplação, oração, fé e as formas de buscar Deus ou Absoluto.¹⁵

Como continuação da ideia deste documento do Vaticano, encontra-se uma abordagem muito interessante oferecida por Paul Knitter, para a prática do diálogo inter-religioso. Resgatando a caminhada da Igreja em direção ao diálogo, ele desenvolve quatro modelos para a compreensão do diálogo inter-religioso e elabora numa forma evolutiva na perspectiva cristã.

Modelo de substituição: apenas uma religião verdadeira.

Esse modelo apresenta o Cristianismo como verdadeira religião e as outras doutrinas devem estar ajustadas a essa religião verdadeira.

Modelo do preenchimento: O Um preenche os Muitos.

Esse modelo também se encontra na perspectiva cristã, indicando a presença de Jesus em outros sistemas religiosos, embora seus praticantes não estejam conscientes dela. Raimon Panikkar chama os adeptos dessas religiões de cristãos anônimos.

Modelo da mutualidade: muitas religiões verdadeiras são chamadas ao diálogo.

Todas as religiões são verdadeiras e são convidadas a partilhar suas doutrinas com as demais.

Modelo do acolhimento: muitas religiões verdadeiras? que seja assim.

Esse modelo está situado no contexto do mundo pós-moderno e aceita o devido lugar de cada religião como possuidoras da Verdade e devem permanecer nessa forma.

Através desses quatro modelos, Knitter busca construir uma ponte entre esses modelos e desenvolve três elementos básicos para a prática do diálogo inter-religioso.

Ponte filosófica e histórica.

É alicerçada em dois pilares: uma é a limitação histórica de todas as religiões e a outra é a possibilidade de ter uma única realidade em todas elas. O guia para atravessar essa ponte são as ideias de John Hick, teólogo inglês que aponta que o Real é Uno, mas os símbolos através dos quais Ele é percebido e expresso são muitos. *Um noumen divino, muitos fenômenos religiosos (...). O Real está simbolizado em ambas as formas, pessoal e impessoal – Pai ou Mãe, Shiva ou Krishna – mas também como Vazio ou Caminho ou Potência.*¹⁶

Ponte místico-religiosa.

É a que considera que o Divino se faz presente na experiência mística de todas as religiões, embora seja muito mais do que isso. O proponente dessa ponte é Raimon Panikkar – filho de pai hindu indiano e mãe espanhola, fez seus estudos em universidades indianas e americanas, que afirma que essa convivência com diversas tradições religiosas lhe inspirou esse conceito – afirma que *o fato religioso fundamental é a base da unidade de todas as religiões. Para ele, A experiência mística é algo que alimenta tanto a prolífica variedade quanto a mais profunda unidade de todas as religiões (...). É algo que pode ser conhecido apenas através da experiência, mas uma vez experimentada, nos diz algo muito real sobre o mundo e sobre nós mesmos. Como experiência, ela nos infunde com uma sensação de estar direcionado-ao-Um, conectado, unido, parte-de. E aquilo com o qual estamos direcionados-ao-Um não é apenas o mistério transcendente ou divino; isso é o mistério que também é imanente, exatamente aqui, parte do mundo finito.*¹⁷

Ponte da prática da ética.

O material para construção dessa ponte está presente em todas as religiões. Reconhecimento do sofrimento, desordem ecológica, fome e violência são preocupações comuns que induzem à prática do diálogo. Na minha opinião, o guia para essa ponte são os trabalhos realizados em diversos continentes por adeptos de diversas religiões. Em todas as tradições religiosas encontramos pessoas constantemente preocupadas com esses problemas comuns, perante o sofrimento dos seres humanos. A responsabilidade global – ecologia, doenças e guerras – devem ser remediadas numa forma adequada. Mahatma Gandhi, Desmond Tutu, o sociólogo Betinho, Albert Schweitzer são exemplos dessa ponte. Apesar de professarem religiões diferentes, percebemos que são conectados com a mesma preocupação ética. No livro *O deserto é fértil*, d. Helder Câmara reconhece que as idéias contidas nessa obra teriam grande aceitação por parte de setores da esquerda brasileira que professavam o ateísmo. Mais de uma vez, d. Helder se dirige a esses ateus chamando-os de *irmãos ateus*, quer dizer, apesar da grande diferença de concepção religiosa, ambos eram movidos pela mesma preocupação ética.¹⁸

ALGUMAS PISTAS CONCRETAS

A Vida Religiosa Consagrada, por sua vez, acolhe esse apelo da Igreja a partir da experiência com o Jesus encarnado e ressuscitado, e chama seus membros para sair de si e chegar às culturas, povos e religiões diferentes, e permanecendo como hóspede na casa do outro realizar a missão. Mas ficar como hóspede não é uma tarefa fácil. Um autor desconhecido coloca como alerta que *Ao nos aproximarmos de outro povo, outra cultura e outra religião, nosso primeiro dever é tirar os sapatos - pois o lugar do qual nos estamos aproximando é sagrado. Caso contrário podemos nos descobrir pisando no sonho de outra pessoa. Mais*

sério ainda: podemos esquecer que Deus lá estava antes que chegássemos. Portanto, apresentamos três saberes de que o missionário deve tomar consciência enquanto faz o processo de deslocação para uma nova cultura: saber tirar os sapatos saber aprender no entrar no jardim do outro e saber se tornar um hóspede.

Aprender a tirar os sapatos

O primeiro aprendizado da Vida Religiosa Consagrada é que seus membros conheçam o significado de tirar os sapatos no processo de ir à cultura do outro. *Tire as sandálias dos pés, por que o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado* (Êx 3,5) foi a ordem do Yahweh a Moisés. As sandálias representam o que está amoldado ao nosso pé, é a forma que acompanha nosso feitio, nossos calos. A ordem de tirar as sandálias significa retirar de nós o habitual que nos envolve e reconhecer que a cultura onde estamos é sagrada. No processo de socialização na nossa cultura, habituamo-nos a determinados padrões e condutas que se tornam nosso sapato. Com esse sapato caminhamos pela vida. O sapato representa a proteção indispensável entre o ser e seu meio. Nesse processo, há uma importante interação entre os pés e o sapato. Este nos protege pela sola, mas para que cada passo seja confortável ao pé e para que ele não se desapegue é preciso que o corpo do sapato vá se ajustando à forma do nosso pé. O chão é o pavimento da vida e ele não se ajusta à nossa pisada. De tanto em tanto, temos que retirar o sapato e tocar o solo com a planta do pé.

A natureza da Vida Religiosa Consagrada é estar em constante movimento. Do nosso movimento de uma cultura para outra, as nossas bagagens da cultura de origem deslocam se, como se fossem os apelos das aeromoças depois do pouso da aeronave na pista: *Cuidado ao abrir os compartimentos de bagagem, pois os objetos podem ter se deslocado durante a viagem.* Na nossa viagem missionária nada estará no lugar em que deixamos, pois as bagagens culturais, religiosas e familiares deslocam-se durante a viagem. Um dos exemplos concretos é observar as nossas transferências. Quando entramos para o seminário/convento, chegamos somente com uma pequena mala, mas, ao longo dos anos, percebemos, principalmente durante as nossas transferências, que precisamos de um caminhão para transportar as nossas bagagens, dificultando a nossa deslocação. O segredo de tirar os sapatos encontra-se no aprendizado do missionário: o que deve ser preservado e o que deve ser eliminado no processo de viagem de uma cultura para outra.

Aprender a se tornar bom hóspede

O terceiro aprendizado é continuação do primeiro: saber se tornar um bom hóspede.

O religioso missionário, antes de tudo, é um hóspede que estabelece sua morada na casa do outro povo e de outra cultura. O hóspede, no modo geral, cria uma situação de dependência em relação a outro povo e outra cultura. O hóspede tem como obrigação apreciar e

aceitar o que é oferecido, qualquer que seja a oferta, pois está numa casa emprestada. Ser hóspede é uma condição necessária para o missionário no processo de viagem. Mesmo que na cultura hospedeira tenha tantas bênçãos e avanços em relação à cultura deixada, não é possível reproduzir certas coisas deixadas para trás. A terra de onde se parte é a terra onde se viveu, portanto não há substituto ao que foi vivido. Mesmo em condições melhores, mesmo em circunstâncias mais apropriadas à nossa visão de mundo, o que se viveu é parte de uma terra deixada. Um bom hóspede sempre toma consciência de um simples saber: saber deixar e saber chegar. Ninguém deve chegar a uma determinada cultura sem a disposição para o diálogo e para acolher o outro.

A Vira Religiosa Consagrada deve oferecer os momentos adequados de reflexão aos seus membros em seus traslados de uma cultura para outra, para que possam adquirir a tranquilidade e tornarem-se bons hóspedes na casa dos outros, e possam, também, compreender o significado do discipulado no seguimento de Jesus (Lc, 9, 57-58).

CONCLUSÃO

TESE – I: Missão *Ad gentes*

A universalidade da missão apresentada na expressão *Ad gentes*, em primeiro lugar indica o mandato explícito de Jesus de anunciar a Boa-Nova a toda humanidade, e a vontade de Deus de salvar todos os seres humanos. A compreensão do anúncio possui duas vertentes, sendo que a primeira tem por alvo o povo eleito, aqueles que aderiram à fé na pessoa de Jesus, os cristãos. A segunda vertente direciona-se aos pagãos, principalmente àqueles que não conhecem Jesus. Essa vertente ficou marcada por um trágico senso de superioridade, a negação do outro e a sangrenta expansão colonial. De que forma essa atitude da Igreja causou as desajustes tanto dentro da Igreja como nas diversas culturas?

TESE – II: Missão *inter-gentes*

Ao nos aproximarmos de outro povo, outra cultura e outra religião, nosso primeiro dever é tirar os sapatos - pois o lugar do qual nos estamos aproximando é sagrado. Caso contrário podemos nos descobrir pisando no sonho de outra pessoa. Mais sério ainda: podemos esquecer que Deus lá estava antes que chegássemos.

Os missionários de hoje são convocados para *tirar os sapatos e tornar-se hóspede na casa do outro*. Faça uma análise sobre essa convocação e apresente as vantagens e desvantagens que envolvem nesse processo.

TESE – III: Diálogo *inter-religioso*

A consciência da crescente multiplicidade e vitalidade das religiões está induzindo muitos a afirmarem que não existe apenas um e único caminho. Paul Knitter: *Diz-se que em nossa época, as pessoas religiosas devem ser religiosas numa forma interreligiosa. Para trilhar seu próprio caminho de fé, precisamos caminhar com pessoas de diferentes caminhos.* Será que é possível para uma religião deixar sua bandeira religiosa e entrar na bandeira espiritual universal?

*Mestre em Dança Clássica Indiana (Bharata Natyam) e em Antropologia e doutor em Ciências da Religião.

¹ Cf. A. MAALOUF, *O mundo em desajuste*: quando nossas civilizações se esgotam. Rio de Janeiro: Difel, 2011, p. 10-11.

² Cf. E. RASCHIETTI, *Ad Gentes*: Texto e comentário. Paulinas: São Paulo, 2011.

³ Cf. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil - CNBB, 1995, n. 64.

⁴ Cf. A. MAALOUF, *O mundo em desajuste*, op. cit., p. 227.

⁵ Idem, p. 196.

⁶ Idem, p. 251.

⁷ Cf. P. KNITTER, P. *Introducing Theologies of Religions*. New York: Orbis Books, 2002, p. xi.

⁸ Cf. B. GRIFFITHS, *Retorno ao centro, o conhecimento da Verdade – o ponto de reconciliação de todas as religiões*. São Paulo: IBRASA, 1992, p. 83.

⁹ Cf. P. KNITTER, P. *Introducing Theologies of Religions*, op. cit., p. 126.

¹⁰ Idem, p. 127.

¹¹ Cf. M. AMALADOSS, *Pela Estrada da Vida: Prática do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 219.

¹² Essa definição foi dada pelo arcebispo Michael Fitzgerald na palestra inaugural na abertura da oficina Diálogo Profético, realizada em Roma, maio de 2004.

¹³ Cf. P. SUESS, *Texto-Base da Agenda Latino-americana*, 2002, p. 7.

¹⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Encíclica: Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1991; T. ASCHEMAN, *Mission in Dialogue*. Rome: Divine Word Missionaries, 2004; http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interrelg/documents/rc_pc_interrelg_doc_19840610_dialogo-missione_po.html

¹⁵ Essas 4 formas do diálogo foram desenvolvidas pelo arcebispo Michael Fitzgerald na palestra inaugural na abertura da oficina *Diálogo Profético*, realizada em Roma, maio de 2004.

¹⁶ Cf. P. KNITTER, P. *Introducing Theologies of Religions*, op.cit., p. 117.

¹⁷ Idem, p. 127.

¹⁸ Cf. DOM HELDER CÂMARA, *O Deserto é fértil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.